

Em Família

Guy de Maupassant

O trem de Neuilly acabava de atravessar a passagem Maillot e corria agora ao longo da grande avenida que vai dar no Sena. A pequena locomotiva, atrelada a seu vagão, apitava para afastar os obstáculos, arquejava como uma pessoa cansada que corre, e seus pistões faziam um precipitado ruído de pernas de ferro em movimento, O pesado calor de um fim de dia calmo tombava sobre a estrada, de onde se elevava, embora nenhuma brisa soprasse, uma poeira branca, opaca, quente, sufocante, que se colava à pele úmida, enchia os olhos, penetrava nos pulmões.

Gente aparecia às portas em busca de mais ar.

As vidraças estavam descidas e todas as cortinas flutuavam agitadas pela corrida rápida. Apenas algumas pessoas ocupavam o interior. Eram gordas senhoras de toalete extravagante, essas burguesas de arrabalde, que substituem a distinção que lhes falta por uma dignidade intempestiva; senhores cansados do escritório, curvos, um ombro um pouco levantado pelos longos trabalhos de escrituração. Suas faces inquietas e tristes diziam ainda dos cuidados domésticos, dos contínuos apertos de dinheiro, das antigas esperanças definitivamente fracassadas. Pois todos pertenciam a essa legião de pobres-diabos cocados que vegetam economicamente numa triste casa de estuque, com uma platibanda por jardim, em meio a esse campo de resíduos que contorna Paris.

Junto à portinhola, um homem baixo e gordo, de rosto congestionado, a barriga pendente entre as pernas abertas, todo de preto e com uma condecoração, conversava com um sujeito alto e magro, de aspecto relaxado, com uma roupa de cetim branco muito suja e um velho panamá. O primeiro falava lentamente, com hesitações que às vezes o faziam parecer gago; era o Sr. Caravan, primeiro amanuense do Ministério da Marinha. O outro ex-oficial de higiene da marinha mercante, acabara por estabelecer-se no distrito de Courbevoie, onde aplicava, na miserável população local, os vagos conhecimentos médicos que lhe restavam de uma vida aventureira. Chamava-se Chenet e fazia-se tratar por doutor. Muito se murmurava a respeito de sua moralidade.

O Sr. Caravan tinha sempre levado a existência normal dos burocratas. Há trinta anos que ia invariavelmente à sua repartição, todas as manhãs, pelo mesmo caminho, encontrando, à mesma hora, nos mesmos lugares, as mesmas caras de homens que se dirigiam a seus negócios; e todas as tardes voltava ele pelo mesmo caminho, onde tornava a encontrar ainda os mesmos rostos que vira envelhecer.

Todos os dias, após adquirir o seu jornal de um sou, ia comprar seus dois pequenos pães; depois entrava no Ministério, à maneira de um criminoso que se constitui prisioneiro; e alcançava às pressas o seu gabinete, com o coração cheio de inquietude, na eterna espera de uma reprimenda por qualquer negligência que houvesse acaso cometido.

Nada viera jamais modificar a ordem monótona da sua existência; pois nenhum acontecimento o atingia, a não ser as promoções, gratificações e outros assuntos do seu cargo. Estivesse ele no Ministério, ou com sua família (pois desposara, sem dote, a filha de um colega), só falava era no serviço. Nunca o seu espírito atrofiado pela embrutecedora tarefa cotidiana tivera outros pensamentos, outras esperanças, outros sonhos, que não os relativos ao seu Ministério. Mas uma amargura estragava sempre suas satisfações de funcionário: o acesso dos comissários da marinha, dos ferros-brancos, como diziam, por causa dos seus galões de prata, aos cargos de subchefe e de chefe; e cada noite ele argumentava fortemente ante a mulher, que compartilhava dos seus ódios, para provar que é iníquo, sob todos os pontos de vista, darem lugares em Paris às pessoas destinadas à navegação.

Estava velho, agora, e não tinha sentido passar a vida, pois o colégio fora continuado pela repartição, e os bedéis, ante os quais ele tremia outrora, achavam-se hoje substituídos pelos chefes, a quem temia horrivelmente. A vista desses déspotas de gabinete o fazia estremecer dos pés à cabeça; e, desse contínuo terror, ficara-lhe uma maneira desajeitada de se apresentar, uma atitude humilde e uma espécie de gagueio nervosa.

Não conhecia mais Paris do que um cego conduzido pelo seu cão, cada dia, ao mesmo ponto de esmola; e se lia no seu jornal os acontecimentos e os escândalos, era como se fossem histórias fantásticas inventadas para distrair os funcionários. Homem ordeiro, reacionário, sem partido determinado, mas inimigo das novidades, passava por alto os fatos políticos que seu jornal, de resto, desfigurava sempre, a serviço de uma causa paga; e

quando subia todas as tardes a avenida dos Campos Elíseos, considerava a multidão dos pedestres e o desfile das carruagens à maneira de um viajante desambientado que atravessasse remotos países.

Tendo completado naquele mesmo ano os seus trinta anos de serviço obrigatório, haviam-lhe concedido, a 1º de janeiro, a cruz da Legião de Honra, que recompensa, nessas administrações militarizadas, a longa e miserável servidão ("leais serviços", dizem) desses tristes forçados presos ao ponto. Essa inesperada dignidade, dando-lhe de si próprio uma nova e inesperada idéia, tinha mudado em tudo os seus costumes. Suprimira as calças de cor e os casacos de fantasia, usando desde então calças negras e longos redingotes, onde sua fita, muito larga, assentava melhor; e, barbeado todas as manhãs, limpando as unhas com mais cuidado, mudando de roupa branca de dois em dois dias, por um legítimo sentimento das conveniências e de respeito à "Ordem" nacional de que fazia parte, tornara-se, de um dia para outro, um outro Caravan, bem-cuidado, majestoso e condescendente.

Na sua casa, ele dizia "a minha cruz" a propósito de tudo. Viera-lhe tal orgulho, que não podia nem mesmo suportar na botoeira dos outros nenhuma fita de qualquer espécie. Exasperava-se sobretudo à vista das ordens estrangeiras, "que não deviam consentir na França", e irritava-se particularmente com o Dr. Chenet, a quem encontrava todas as tardes no trem, ornado de uma condecoração qualquer, branca, azul, laranja ou verde.

A conversação dos dois homens, desde o Arco do Triunfo até Neuilly, era, de resto, sempre a mesma; e naquele dia, como nos precedentes, ocuparam-se a princípio de diferentes abusos locais que chocavam a ambos, pois o prefeito de Neuilly não fazia cerimônias. Depois, como acontece infalivelmente em companhia de um médico, Caravan abordou o capítulo das doenças, esperando dessa maneira pescar alguns conselhos gratuitos ou mesmo uma consulta, se agisse com habilidade, sem deixar transparecer a intenção. Sua mãe, de resto, há algum tempo o vinha inquietando. Tinha síncope freqüentes e prolongadas e, embora tivesse noventa anos, não consentia em tratar-se.

Sua avançada idade enternecia Caravan, que repetia continuamente ao doutor Chenet: "Já viu muita gente chegar a essa idade?" E esfregava as mãos com alegria, não que fizesse questão de ver a boa mulher eternizar-se neste mundo, mas porque a longa duração da vida materna era como que uma promessa para si mesmo.

E continuou: "Oh! na minha família, vai-se longe; quanto a mim, estou certo de que, a não ser por acidente, morrerei bastante velho". O outro lançou-lhe um olhar de piedade; considerou por um segundo a cara congestionada do seu vizinho, a banha do seu pescoço, o ventre pendente entre as pernas flácidas e gordas, toda a sua rotundidade apoplética de velho sedentário amolecido. E, erguendo com um gesto o panamá encardido, respondeu numa risadinha: "Devagar, meu velho, a sua mãe é uma astêque e você não passa de um plein-da-soupe". Caravan, perturbado, calou-se.

Mas o trem chegava à estação. Os dois companheiros desceram, e o Sr. Chenet ofereceu vermute no Café do Globo, em frente, do qual ambos eram fregueses. O gerente, um amigo, estendeu-lhe dois dedos, que eles apertaram por cima das garrafas do balcão; e foram cumprimentar três amadores de dominó, ali sentados desde o meio-dia. Trocaram-se palavras, cordiais, com o "Que há de novo?" inevitável. Em seguida os jogadores recomçaram a partida. Quando os dois se despediram para ir jantar, eles lhes estenderam as mãos sem erguer a cabeça.

Caravan morava perto do rond-point de Courbevoie, numa pequena casa de dois andares cujo andar térreo era ocupado por um cabeleireiro.

Duas peças, uma sala de jantar e uma cozinha, onde cadeiras remendadas erravam de peça em peça conforme as necessidades, constituíam todo o apartamento que a Sra. Caravan passava o dia a limpar, enquanto a sua filha Marie-Louise, de doze anos, e o seu filho Philippe-Auguste, de nove, galopavam pelas sarjetas da avenida, com todos os garotos do quarteirão.

Em cima Caravan instalara a mãe, cuja avareza era célebre nos arredores e cuja magreza fazia dizer que Nosso Senhor aplicara na própria velha os princípios de parcimônia de que esta era partidária. Sempre de mau humor, não passava um dia sem discussões e furiosos acessos de cólera. Apostrofava das suas janelas os vizinhos, os vendedores ambulantes, os varredores e os garotos, que, para vingar-se, a seguiam de longe a gritar: "Mijona! Mijona!"

Uma criadinha normanda, incrivelmente desajeitada, fazia o serviço pesado e dormia no segundo andar, perto da velha, para o caso de algum acidente.

Quando Caravan entrou em casa, sua mulher, atingida de uma enfermidade crônica de limpeza, lustrava com um pedaço de flanela o acaju das cadeiras esparsas na solidão das peças. Usava sempre luvas, ornava a cabeça com uma touca de fitas multicores, continuamente caída sobre uma orelha, e repetia, sempre que a surpreendiam encerando, escovando, polindo ou lavando: "Eu não sou rica, na minha casa tudo é simples, mas

o asseio é o meu luxo, e este vale tanto como outro qualquer".

Dotada de um obstinado senso prático, ela era em tudo o guia do marido. Cada noite, à mesa, e depois, no leito, conversavam ambos longamente sobre os negócios da repartição e, embora fosse ela vinte anos mais moça do que o marido, este se confessava como a um diretor de consciência, e seguia em tudo os seus conselhos.

Nunca fora bonita; agora era feia, baixinha e magricela. A inabilidade de seu vestuário sempre dissipava seus fracos atributos femininos, que poderiam sobressair sob uma indumentária bem dirigida. Suas saias pareciam sempre de través; e ela se coçava a toda hora, indiferente ao público, por uma espécie de mania que raiava pelo nervoso. O único adorno que se permitia constava de uma profusão de fitas de seda, aplicadas nas pretensiosas toucas que costumava usar em casa.

Logo que avistou o marido, ergueu-se e, beijando-o sobre as suíças: "Não se esqueceu de falar com Potin?"

Mas ele caiu aterrado sobre uma cadeira; acabava de esquecer pela quarta vez.

— É uma fatalidade, é uma fatalidade; por mais que eu pense todo o dia, sempre que vem a tarde me esqueço.

Mas como ele parecia desolado, a mulher o consolou:

— Está bem. Pensará nisso amanhã. Nada de novo no Ministério?

— Sim, uma grande novidade: mais um ferro-branco nomeado subchefe.

Ela ficou séria.

— Em que seção?

— Importações. Ela se irritava:

— No lugar de Ramon então, exatamente o que eu queria para você; e Ramon, aposentado?

Ele balbuciou:

— Aposentado.

Ela ficou furiosa, a touca tombou para a nuca.

— O caso está liquidado, então. Como se chama esse comissário?

— Bonassot.

Ela tomou o Anuário da Marinha que tinha sempre à mão e procurou: "Bonassot-Toulon.—Nascido em 1851—Aluno-comissário em 1871, subcomissário em 1875".

— E esse navegou?

A essa pergunta, Caravan acalmou-se. A hilaridade lhe sacudia o ventre:

— Como Balin, exatamente como Balin, seu chefe.—E repetiu, num riso mais forte, um velho gracejo que todo o Ministério achava delicioso:—Não conviria mandá-los inspecionar a estação naval de Point-du-Jour; eles enjoariam nas lanchas.

Mas a mulher permanecia grave como se não tivesse ouvido; depois murmurou, coçando lentamente o queixo: "Se ao menos se tivesse um deputado à mão.

Quando a Câmara souber tudo o que se passa lá, o ministro estará bem arranjado..."

Gritos ressoaram na escada, cortando-lhe a frase. MarieLouise e Philippe-Auguste, que voltavam do brinquedo, trocavam, de degrau em degrau, tapas e pontapés. Sua mãe avançou furiosa e, tomando-os cada um por um braço, lançou-os no apartamento, sacudindo-os com vigor.

Logo que avistaram o pai, precipitaram-se para ele, que os abraçou com ternura, longamente, e depois, sentando-os sobre os joelhos, pôs-se a conversar com os dois.

Philippe-Auguste era um garoto ordinário, descabelado, sujo dos pés à cabeça, com uma cara de cretino. MarieLouise já se parecia com a mãe, falava como ela, repetindo-lhe as palavras, imitando-lhe até os gestos. Ela também perguntou: "Que há de novo no Ministério?" Ele lhe respondeu alegremente: "O teu amigo Ramon, que janta aqui todos os meses, vai deixar-nos, filhinha. Há um novo subchefe no seu lugar". Ela ergueu os olhos para o pai e, com uma comiseração de criança precoce: "Mais um que te passou a perna, hein?"

Ele parou de rir e não respondeu; depois, para mudar de assunto, dirigindo-se à mulher que agora limpava os vidros:—E a mamãe lá em cima, vai bem?

A Sra. Caravan parou de esfregar, voltou-se, endireitou a touca e, com os lábios trêmulos: "Ah! sim, a tua mãe! Ela me fez uma boa! Imagine que há pouco a senhora do barbeiro subiu para me pedir emprestado um pacote de amido e, como eu tinha saído, sua mãe a escorraçou, chamando-a de mendiga. Mas eu não fiquei atrás! Ela fez que não ouvia, como sempre que a gente lhe diz as verdades, mas não é mais surda do que eu. Pura esperteza, meu caro. E a prova disso é que ela subiu para o quarto em seguida, sem dizer palavra".

Caravan, confuso, calava-se, quando a criadinha se precipitou para anunciar a janta. Então, a fim de prevenir

sua mãe, ele tomou o cabo de vassoura oculto num canto e deu três batidas no teto. Depois passaram para a sala de jantar e a jovem Sra. Caravan serviu sopa, enquanto a velha não chegava. Começaram a comer bem devagarinho. Mas a velha não vinha e a sopa esfriava. Depois, quando os pratos se esvaziaram, esperaram ainda. A Sra. Caravan, furiosa, vingava-se no marido: "Ela o faz de propósito, não compreende? Também, você a defende sempre!" Ele, perplexo entre os dois campos, mandou Marie Louise chamar a avó, e permaneceu imóvel, de olhos baixos, enquanto a mulher batia raivosamente com a faca no copo.

De súbito a porta se abriu e a menina reapareceu sem fôlego e branca como papel, dizendo às pressas: "Vovó está caída no chão".

Caravan levantou-se de um salto e, atirando o guardanapo sobre a mesa, arremessou-se para a escada, onde seu passo pesado e precipitado ressoou, enquanto a mulher, julgando que tudo não passava de uma trapaça de sua sogra, seguia atrás mais devagar, erguendo os ombros com desprezo.

A velha jazia esticada, com a face voltada para o chão, e, quando o seu filho a virou, ela apareceu imóvel e seca, com a sua pele amarelada, enrugada, curtida, seus olhos fechados, os dentes cerrados e todo o magro corpo enrijecido.

Caravan, ajoelhado perto dela, gemia: "Minha pobre mãe! Minha pobre mãe!" Mas a outra Sra. Caravan depois de a ter observado um instante, declarou: "Qual, ela teve foi outra síncope, apenas. Garanto que foi para nos impedir de jantar".

Transportaram o corpo para o leito, despiram-no, e todos, Caravan, sua mulher, a criada, puseram-se a friccioná-lo. Apesar de seus esforços, ela não recuperou os sentidos. Mandaram então Rosalie chamar o Dr. Chenet. Este morava no cais, perto de Suresne. Era longe, a espera foi longa. A final ele chegou e, após haver considerado, palpado, auscultado a velha, afirmou: "Acabou-se".

Caravan, sacudido de soluços precipitados, abateu-se sobre o corpo; e beijava convulsivamente a face rígida de sua mãe, chorando com tanta abundância que grossas lágrimas tombavam como gotas d'água sobre o rosto da morta.

A jovem Sra. Caravan teve uma conveniente crise de dor e, de pé atrás do marido, lançava flébeis gemidos, esfregando obstinadamente os olhos.

Caravan, de face congestionada, os raros cabelos em desordem, feíssimo na sua dor verdadeira, ergueu-se de súbito: "Mas... está bem certo, doutor... está mesmo, bem certo?..."

Chenet aproximou-se rapidamente e, manejando o cadáver com uma destreza profissional, como um comerciante que gaba a sua mercadoria: "Mas veja o olho, meu caro, veja o olho". Ele ergueu a pálpebra, e o olhar da velha reapareceu sob o seu dedo, nada transformado, com a pupila um pouco mais larga talvez. Caravan recebeu um golpe no coração e o pavor lhe varou os ossos. Chenet pegou o braço crispado, forçou os dedos para os abrir e, furioso como ante um contraditor: "E veja esta mão, não me engano nunca, pode ficar tranqüilo".

Caravan retombou sobre o leito, quase a balir, enquanto sua mulher, sempre choramingando, fazia as coisas necessárias. Aproximou-se da mesa de cabeceira, sobre a qual estendeu um guardanapo, colocou em cima quatro velas, que acendeu, tomou um ramo de buxo pendurado atrás do espelho da chaminé e o depôs entre as velas num prato que encheu de água límpida, pois não tinha água benta. Mas após uma rápida reflexão lançou nessa água uma pitada de sal, julgando dessa maneira executar uma espécie de consagração.

Quando terminou a figuração que deve acompanhar a morte permaneceu de pé, imóvel. Então Chenet, que auxiliara a arranjar os objetos, disselhe baixinho: "É preciso levar Caravan daqui". Ela fez um sinal de assentimento e, aproximando-se do marido, que soluçava, sempre de joelhos, ergueu-o por um braço, enquanto Chenet o segurava pelo outro.

Sentaram-no primeiro numa cadeira e sua mulher, beijando-o na testa, o repreendeu. Chenet apoiava as suas razões, aconselhando firmeza, coragem, resignação, tudo o que a gente não pode guardar em caso de desgraça súbita.

Depois, ambos o tomaram de novo sob os braços e o retiraram do quarto.

Ele chorava como uma criança grande, com soluços convulsivos, os braços pendentes, as pernas moles, e desceu a escada sem saber o que fazia, movendo os pés maquinalmente.

Depuseram-no sobre a cadeira que ele ocupava sempre à mesa, diante do prato quase vazio, onde sua colher mergulhava ainda num resto de sopa. E ali ficou sem um movimento, o olhar fixo no copo, de tal maneira idiotizado que estava sem pensamento.

A Sra. Caravan, a um canto, conversava com o doutor, indagando das formalidades, pedindo todos os informes práticos. A final Chenet, que parecia esperar qualquer coisa, tomou o chapéu e, declarando que não

havia jantado, fez uma saudação de despedida. Ela exclamou:

Como? O senhor ainda não jantou? Mas fique, doutor, fique! O senhor comerá do que nós temos; bem compreende que não podemos estar com muito apetite.

Ele escusou-se; ela insistia:

— Fique conosco. Em momentos como este, é um conforto a companhia dos amigos; e depois, talvez o senhor convença meu marido a comer um pouco. Ele tem tanta necessidade de refazer as forças...

O doutor inclinou-se e, repondo o chapéu sobre o móvel: "Neste caso, aceito, minha senhora".

Ela deu ordens a atarantada Rosalie. Depois sentou-se à mesa, "para fingir que comia", dizia ela, "e fazer companhia ao doutor".

Continuaram a sopa fria. Chenet pediu repetição. Depois apareceu um prato de miúdos, que espalhou um perfume de cebola e que a Sra. Caravan resolveu provar. "Está excelente", disse o doutor. Ela sorriu: "Acha? Depois, voltando-se para o marido: "Coma qualquer coisa, meu pobre Alfred, apenas para pôr alguma coisa no estômago. Olhe que vai passar a noite em claro.

Ele estendeu o prato docemente, como teria ido se meter no leito se lhe ordenassem, obedecendo a tudo sem resistência e sem reflexão. E comeu.

O doutor, servindo-se por si mesmo, mergulhou três vezes no prato, enquanto a Sra. Caravan pescava um grosso bocado com a ponta do garfo e o engolia com uma espécie de estudada indiferença.

Quando apareceu uma travessa cheia de talharim, o doutor: "Puxa! Isto é que é coisa boa!" E a Sra. Caravan desta vez, serviu a todo mundo. Encheu as tigelas onde babujavam as crianças, que, deixadas em liberdade, bebiam vinho puro e já se atacavam a pontapés por baixo da mesa.. Chenet lembrou a predileção de Rossini por esse prato italiano; depois, de repente:— Vejam! Até rima; podia-se começar uma poesia:

O maestro Rossini

Gostava de tagliarini...

Não o escutavam. A Sra. Caravan refletia, pensando em todas as conseqüências prováveis do acontecimento, enquanto o marido amassava bolinhas de pão, que depositava em seguida sobre a toalha, ficando a olhá-las fixamente, com um ar idiota. Como uma sede ardente lhe devorava a garganta, levava incessantemente à boca o copo cheio de vinho; e a sua razão, já sacudida pelo choque e o sofrimento, tornava-se aérea, parecia-lhe dançar no atordoamento súbito da penosa digestão recém-começada.

O doutor, de resto, bebia como uma esponja e se embriagava visivelmente, e a Sra. Caravan, sofrendo a reação que se segue a todo abalo nervoso, agitava-se, também perturbada, embora não tomasse senão água, e sentia a cabeça um pouco confusa.

Chenet pusera-se a contar histórias de óbitos que lhe pareciam engraçadas. Pois naquele distrito parisiense, cheio de uma população de província, se encontra essa indiferença do campônio para com o defunto, seja este seu pai ou sua mãe, esse desrespeito, essa ferocidade inconsciente tão comum no interior e tão raro em Paris. Ele dizia: "Imaginem! Na outra semana recebo um chamado da rua Puteaux; chego, encontro o homem morto e em torno do leito, a família que acabava tranqüilamente uma garrafa de anisete, comprada na véspera para satisfazer um capricho do moribundo".

Mas a Sra. Caravan não escutava, pensando sempre na herança; e Caravan, com o cérebro vazio, não compreendia nada.

Serviram o café, que haviam preparado bastante forte, para sustentar o moral. Cada xícara, batizada com conhaque, fez subir às faces um rubor súbito, misturando as últimas idéias daqueles espíritos já vacilantes.

Depois o doutor, apoderando-se de inopino da garrafa de aguardente, serviu rincette (1) a todo mundo. E, sem falar, entorpecidos ao doce calor da digestão, cheios, contra a vontade, desse bem-estar animal que proporciona o álcool após a janta, eles gargarejavam lentamente o conhaque açucarado, que formava um xarope amarelo no fundo das xícaras.

* (1) Trago de aguardente que costumam servir nas xícaras de café, depois de esvaziadas. N. do T.

As crianças tinham adormecido e Rosalie os fez deitar.

Então Caravan, obedecendo maquinalmente à necessidade de atordoar-se que impulsiona a todos os infelizes, repetiu várias vezes a aguardente; e seus olhos parados reluziam.

O doutor afinal se ergueu para partir; e, apoderando-se do braço de seu amigo:

— Vamos, venha comigo. Um pouco de ar fará bem a você. Quando a gente tem aborrecimentos, não deve

imobilizar-se.

O outro obedeceu docemente, pôs o chapéu, tomou a bengala, saiu; e os dois, de braço dado, desceram para o Sena, sob a claridade das estrelas.

Sopros embalsamados flutuavam na noite cálida, pois todos os jardins das cercanias se achavam cheios de flores naquela estação; e os perfumes, adormecidos durante o dia, pareciam despertar à aproximação da noite, exalando-se de mistura com as leves brisas que corriam.

A larga avenida estava deserta e silenciosa, com as suas duas filas de lampiões de gás, que se estendiam até o Arco do Triunfo. Mas, para além, Paris burburinhava num vapor vermelho. Era uma espécie de rufar abafado e contínuo, a que parecia responder, por vezes, ao longe, na planície, o silvo de um trem que se aproximava a todo vapor, ou que se afastava, rumo ao oceano.

O ar de fora, fustigando os dois homens no rosto, alterou o equilíbrio do doutor e acentuou em Caravan as vertigens que o vinham acometendo depois da janta. Este seguia, como que num sonho, o espírito sonolento, paralisado, sem sofrimento agudo, tomado de uma espécie de modorra moral que o impedia de sofrer e experimentando até certo alívio, que as mornas exalações noturnas auxiliavam.

Quando chegaram à ponte, dobraram à direita e o rio lhes lançou na face um sopro de frescura. Deslizava, melancólico e tranqüilo, ante uma cortina de altos choupos; e as Atrelas pareciam nadar sobre a água, agitadas pela corrente, calma e esbranquiçada, que vinha da margem oposta, penetrava os pulmões com um cheiro úmido. E Caravan estacou de súbito, tocado por esse odor de rio, que lhe despertava no coração lembranças muito antigas.

E reviu de repente sua mãe, outrora, quando ele era ainda criança e ela lavava roupa no delgado arroio que corria à frente da sua casa, lá longe, na Picardia. Ouvia seu batedor no silêncio tranqüilo do campo, sua voz que gritava: "Alfred, traz o sabão". E ele sentia aquele mesmo odor de água que corre, aquela mesma bruma que se evola das terras alagadiças, aquele vapor pantanoso cujo sabor lhe ficara no íntimo, inesquecível, e que ele tornava a encontrar justamente na noite em que sua mãe morria.

Parou, tomado de desespero. Foi como um raio de luz a iluminar de um jato toda a extensão da sua desgraça; e o encontro daquele sopro errante lançou-o no abismo negro das dores irremediáveis. Sentiu o coração partido com aquela separação sem fim. Sua vida estava cortada pelo meio; e sua juventude inteira parecia soterrada por aquela morte. Todo o "outrora" estava acabado; todas as lembranças da adolescência se esvaíam; ninguém mais lhe poderia falar das coisas antigas, das pessoas que conhecera em outros tempos, da sua terra, de si mesmo, da intimidade de sua vida passada; era uma parte de seu ser que cessava de existir.

E começou o desfile das evocações. Ele revia a "mamãe" mais jovem, com suas roupas há tanto tempo usadas que pareciam inseparáveis da sua pessoa; ele tornava a encontrá-la em mil circunstâncias esquecidas, com seus gestos, suas entonações, seus hábitos, suas manias, suas cóleras, suas rugas, os movimentos de seus dedos magros, todas as atitudes familiares que ela não teria mais.

E, segurando-se ao doutor, começou a soltar gemidos. Suas pernas moles tremiam; todo o seu corpo era sacudido pelos soluços, e ele balbuciava: "Minha mãe, minha pobre mãe, minha pobre mãe!..."

Mas seu companheiro, que estava ainda embriagado e pensava terminar a noite em lugares que freqüentava secretamente, impacientado com aquela crise aguda, o fez sentar na relva da margem, e quase em seguida o deixou, sob o pretexto de ir ver um doente.

Caravan chorou por muito tempo; depois, quando terminou as lágrimas, quando todo seu sofrimento por assim dizer escoou, ele experimentou outra vez um alívio, um repouso, uma tranqüilidade súbita.

A lua já se mostrara e banhava o horizonte com sua luz plácida. Os grandes choupos se erguiam com reflexos de prata, e o nevoeiro sobre a planície parecia névoa flutuante; o rio, onde não mais nadavam as estrelas, mas que parecia coberto de nácar, continuava a correr, enrugado de frêmitos brilhantes. O ar era suave, a brisa cheirosa. Um certo amolecimento emanava do sono da terra, e Caravan bebia aquela doçura da noite; ele respirava longamente, julgava penetrar até a extremidade de seus membros um frescor, uma calma, uma consolação sobre-humana.

Mas procurava resistir a esse crescente bem-estar e repetia:

— Minha mãe, minha pobre mãe.—Provocando as lágrimas por uma espécie de descargo de consciência, mas era impossível e já nenhuma tristeza o arrastava aos pensamentos que ainda há pouco o faziam soluçar.

Ergueu-se então, regressando a passo para casa, envolto na calma indiferença da natureza serena e com o coração apaziguado a contragosto.

Quando atingiu a ponte, avistou o farol do último trem, prestes a partir, e, por detrás, as vidraças iluminadas do Café do Globo.

Veio-lhe então o desejo de contar a catástrofe a alguém, de excitar a comiseração, de tornar-se interessante.

Fez uma cara lamentável, empurrou a porta do estabelecimento e avançou para o balcão, onde o gerente imperava como sempre. Contava com um efeito seguro. Todo mundo iria erguer-se, viria a seu encontro, com a mão estendida: "Que é isso? Que tem o senhor?" Mas ninguém notou a desolação da sua fisionomia. Debruçou-se ao balcão e, apertando a fronte entre as mãos, murmurou: "Meu Deus! Meu Deus!"

O gerente o considerou: "Está doente, Sr. Caravan?" Ele respondeu: "Não, meu bom amigo; mas a minha mãe acaba de morrer". O outro largou um "Ah!" distraído; e, como um freguês, ao fundo do estabelecimento, gritasse: "Um chope", ele respondeu em seguida com uma voz terrível: "Já vai", e arremessou-se para servir, deixando Caravan estupefato.

Na mesma mesa de antes do jantar, absortos e imóveis, os três amadores de dominó jogavam ainda. Caravan aproximou-se deles em busca de comiseração. Como ninguém parecesse vê-lo, decidiu-se a falar: "Ainda há pouco me aconteceu uma grande desgraça".

Os três ergueram um pouco a cabeça ao mesmo tempo, mas conservando o olhar fixo no jogo que tinham nas mãos: "Não diga!"—"A minha mãe acaba de morrer". Um deles murmurou: "Oh!" com esse ar falsamente compungido que assumem os indiferentes. O outro, nada achando que dizer, fez ouvir, sacudindo a cabeça, uma espécie de assovio triste. O terceiro recomeçou a jogar, como se tivesse pensado: "Ora! Só isso..."

Caravan esperava uma dessas frases que dizem "vindas do coração". Ao ver-se assim recebido, afastou-se, indignado com tamanha placidez ante o sofrimento de um amigo, embora esse sofrimento, naquele mesmo instante, estivesse de tal maneira adormecido, que ele próprio não o sentia mais.

E retirou-se.

Sua mulher o esperava de camisola, sentada numa cadeira baixa junto à janela aberta, e sempre a pensar na herança.

— Dispa-se—disse ela.—Nós vamos conversar quando estivermos na cama.

Ele ergueu a cabeça, mostrando o teto com a vista: "Mas... lá em cima.. não há ninguém".

— Perdão, Rosalie está junto dela. Depois de você dormir um pouco, irá substituí-la às três da manhã.

Ele ficou de ceroulas no entanto, a fim de estar pronto para quaisquer circunstâncias, atou um lenço no crânio e depois juntou-se à mulher, que acabava de meter os joelhos sob os lençóis.

Ficaram algum tempo sentados lado a lado. Ela pensava:

Sua touca, mesmo naquela hora, estava enfeitada com um laço cor-de-rosa e pendia um pouco sobre uma orelha, como em consequência de um invencível hábito de todas as toucas que ela usava.

De súbito, voltando a cabeça para ele: "Você sabe se sua mãe fez testamento?" Caravan hesitou: "Eu... não sei."

Creio que não... com certeza não fez..." A Sra. Caravan olhou o marido nos olhos e, com uma voz baixa e raivosa: "É uma indignidade, isso! Pois afinal já faz dez anos que nós nos matamos a cuidar dela, que lhe damos casa e comida! Não era a sua irmã quem iria fazer outro tanto por ela, nem eu tampouco, se soubesse como seria recompensada. Sim, é uma vergonha para a sua memória! Você me dirá que ela pagava pensão; é verdade; mas os cuidados dos filhos, não é com dinheiro que a gente os paga: são reconhecidos por testamento, após a morte. Eis como fazem as pessoas direitas. O que eu ganhei com as minhas penas e com os meus trabalhos! Que procedimento, meu Deus, que procedimento!"

Caravan, transtornado, repetia: "Mas minha querida, eu te peço, eu te suplico..."

Afinal, ela acalmou-se e, voltando ao tom de cada dia, recomendou: "A manhã de manhã, é preciso prevenir sua irmã".

Ele teve um sobressalto: "É verdade, eu não tinha pensado nisso. Logo de manhã cedo lhe enviarei um telegrama". Mas a esposa o interrompeu, como mulher que tudo previra: "Não, manda-o somente das dez às onze, a fim de que tenhamos tempo de nos mexer antes da sua chegada. De Charenton até aqui, ela gastará quando muito duas horas. Diremos que você perdeu a cabeça".

Mas Caravan bateu na testa e, com a intenção tímida que tomava sempre ao falar de seu chefe, cujo só pensamento o fazia tremer: "É preciso também prevenir no Ministério", disse. Ela respondeu: "Por que prevenir? Em ocasiões como estas, é sempre desculpável um esquecimento. Seu chefe nada poderá dizer e você o deixará até embaraçado".

— Oh! ele vai ficar furioso quando não me vir chegar. Uma bela idéia. E quando eu lhe disser que a minha mãe morreu, ele se verá forçado a calar-se.

E o funcionário, encantado com a farsa, esfregava as mãos só de pensar na cara do seu chefe, enquanto lá em cima o corpo da velha jazia ao lado da criadinha adormecida.

A Sra. Caravan se tornara pensativa, como que obcecada POR uma preocupação difícil de dizer. A final resolveu: "Sua mãe te havia dado seu relógio, não, o da moça com o bilboquê?" Ele procurou na memória e respondeu: "Sim, sim."

Mas já faz muito tempo. Foi quando mamãe veio para cá. Ela me disse: "Será para você o relógio, se cuida bem de mim".

A Sra. Caravan, tranqüilizada, argumentou: "Está vendo? Então é preciso ir buscar o relógio, pois, se deixarmos que sua irmã venha, ela nos impedirá de ficar com ele". O marido hesitava: "Você acha?" A mulher irritou-se: "Pois lógico! Mas uma vez o relógio aqui embaixo. Pronto! É nosso e acabou-se. Assim a cômoda do quarto dela, a que tem um mármore. Pois ela me deu de presente, num dia em que estava de bom humor".

Caravan parecia incrédulo: "Mas minha querida, é uma grande responsabilidade!" Ela voltou-se para o marido, furiosa: "Ah! é assim? Não mudará nunca então? Seria capaz de deixar seus filhos morrerem de fome para não fazer um só movimento. Desde que ela me deu essa cômoda, o móvel é nosso, não é? E se sua irmã não estiver contente, que se avenha comigo! Que me importa lá sua irmã! Ande, levante-se, para trazermos em seguida o que sua mãe nos deu".

Trêmulo e vencido, ele saltou do leito e, como fosse vestir as calças, a mulher impediu: "Não vale a pena se vestir; bastam as ceroulas. Eu irei assim mesmo".

E ambos, em traje de dormir, partiram, subiram a escada sem ruído, abriram a porta com cautela e entraram no quarto, onde apenas quatro velas acesas ao redor do prato de erva benta guardavam a velha; pois Rosalie, na sua cadeira, com as pernas estiradas, as mãos cruzadas no regaço, a cabeça caída para um lado, também imóvel e de boca aberta, dormia, roncando um pouco.

Caravan tomou o relógio. Era um desses objetos grotescos como os produziu em profusão a arte imperial. Uma rapariga de bronze dourado, com a cabeça ornada de flores diversas, sustentava na mão um bilboquê, cuja bola servia de pêndulo. "Dê-me isso", disse a mulher, "e pega o mármore da cômoda".

Ele obedeceu, resfolegando, e colocou o mármore às costas, com um considerável esforço.

Então o casal partiu. Caravan baixou-se sob a porta e pôs-se a descer a escada, a tremer, enquanto a mulher, à sua frente, alumiaava o caminho com a vela erguida, apertando o relógio sob o outro braço.

Quando chegaram a seus aposentos, ela soltou um profundo suspiro: "O mais pesado está feito; vamos buscar o resto".

Mas as gavetas do móvel estavam abarrotadas com os trapos da velha. Era preciso esconder aquilo em qualquer parte.

A Sra. Caravan teve uma idéia: "Vá buscar o baú de pinho que está no vestíbulo; não Vale quarenta sows podemos deixá-lo aqui". E quando o baú chegou, começaram a mudança.

Tiravam, um após outro, as mangas, as golas, as camisas, as toucas, todos os pobres pertences da boa mulher ali estendida, e os arrumaram metodicamente no baú de pinho, de maneira a enganar a Sra. Braux, a filha da defunta, que viria no dia seguinte.

Quando tudo ficou terminado, desceram primeiro as gavetas, depois o corpo do móvel, segurando-o um de cada lado; e ambos procuraram durante muito tempo em que ponto ele ficaria melhor. Escolheram afinal o quarto de dormir, defronte ao leito, entre as duas janelas.

Posta a cômoda no seu lugar, a Sra. Caravan a encheu com a sua lingerie. O relógio ocupou a chaminé da sala; e o casal pôs-se a observar o efeito obtido. Ficaram logo encantados. "Muito bem", disse ela. Ele retrucou "Sim, muito bem". E deitaram-se. Ela soprou a vela; logo todos dormiam nos dois andares da casa.

Lá ia alta a manhã quando Caravan abriu os olhos. Tinha o espírito confuso e só se lembrou do acontecimento ao cabo de alguns minutos. Essa lembrança lhe deu um grande golpe no peito; e ele saltou do leito, muito emocionado de novo, prestes a chorar.

Subiu depressa ao quarto superior, onde Rosalie ainda ressonava na mesma posição da véspera, pois dormira de um sono só toda a noite. Mandou-a para o serviço, substituiu as velas gastas, depois ficou a olhar para sua mãe, remoendo no cérebro essas aparências de pensamentos profundos, essas banalidades religiosas e filosóficas que apoderam-se das inteligências medianas em face da morte.

Mas como a mulher o chamasse, ele desceu. Ela escrevera uma lista do que era preciso fazer naquela manhã:

1º—Fazer a declaração na prefeitura.

2º—Chamar o médico para o atestado de óbito.

3º—Encomendar o caixão.

4º—Passar pela igreja.

5º—Combinar o enterro.

6º—Mandar imprimir os convites.

7º—Ir ao notário.

8º—Telegrafar, avisando a família.

E mais uma porção de insignificâncias. Ele pegou o chapéu e saiu.

Tendo-se espalhado a nova, começavam a chegar as vizinhas, pedindo para ver a morta.

No barbeiro, embaixo, houvera uma cena a este respeito, entre a mulher e o marido, enquanto este barbeava um freguês.

A mulher, enquanto tricotava uma meia, murmurou: "Uma de menos. E sovina, como poucas. Eu não gostava dela, é verdade; mas em todo caso, terei de ir vê-la".

O marido resmungou, ensaboando o queixo do paciente: "Tolices! Não há como as mulheres para essas caraminholas. Não se contentam em amofinar a gente durante a vida; nem na morte nos deixam em paz".

Mas a esposa, sem desconcertar-se, retrucou:

— É mais forte do que eu. Tenho de ir lá. Isto não me sai da cabeça desde a manhã. Se eu não fosse vê-la, parece-me que haveria de pensar nela durante toda a vida. Mas depois que eu a tiver olhado bem ficarei satisfeita.

O homem da navalha ergueu os ombros e abriu-se com o senhor a quem arranhava a face, murmurando:

— Imagine o senhor que idéias têm essas mulheres! Eu é que não me divertiria em ver defuntos!

Mas a mulher o ouvira e respondeu, sem perturbar-se: "É assim mesmo, acabou-se!"

Depois, abandonando o tricô, subiu ao primeiro andar.

Duas vizinhas já tinham chegado e conversavam sobre o acidente com a Sra. Caravan, que contava os pormenores. Dirigiram-se para a câmara mortuária. As quatro mulheres entraram com pés de lã, aspergiram a mortalha, uma após outra, com água salgada, ajoelharam-se, fizeram o sinal da cruz, murmurando uma prece; depois, erguendo-se, com os olhos esgazeados, a boca entreaberta, observaram longamente o cadáver, enquanto a nora da morta, com um lenço sobre o rosto, simulava um soluço desesperado.

Quando se voltou para sair, avistou, de pé junto à porta, MarieLouise e Philippe-Auguste, ambos de camisola, a olhar curiosamente. Então, esquecendo o seu pesar de encomenda, precipitou-se para eles, com a mão erguida, gritando raivosamente:—Sumam-se daqui, seus vagabundos!

Subindo dez minutos mais tarde, com mais uma fornada de vizinhos, depois de haver sacudido o ramo de buxo sobre a sogra, depois de haver rezado, choramingado e cumprido com todos os deveres, ela descobriu de novo os dois filhos às suas costas. Aplicou-lhes ainda uns cascudos, por descargo de consciência; mas da vez seguinte não mais se importou com eles; e, a cada ronda de visitantes, os dois garotos subiam sempre, ajoelhando-se também a um canto e repetindo invariavelmente tudo o que viam sua mãe fazer.

No princípio da tarde diminuiu a multidão de curiosos. Depois não chegou mais ninguém. A Sra. Caravan descendo para o seu andar, ocupava-se agora com os preparativos da cerimônia fúnebre. E a morta ficou sozinha.

Pela janela aberta do quarto penetrava um calor tórrido, junto com ondas de poeira. As chamas das quatro velas se agitavam junto ao corpo imóvel. E sobre a mortalha, sobre a face de olhos fechados, sobre as duas mãos estendidas, pequenas moscas subiam, iam, vinham, passeavam sem cessar, percorrendo a velha.

MarieLouise e Philippe-Auguste tinham saído a vagabundear pela avenida. Foram logo cercados pelas camaradas, meninas principalmente, mais espertas, que adivinhavam mais depressa os mistérios da vida. E elas interrogavam, como as pessoas grandes: "Morreu tua avozinha?"—"Sim, ontem à noite"—"Como é um morto?" MarieLouise explicava, descrevendo as velas, o buxo, a cara da morta. E então despertou uma grande curiosidade entre as crianças, que logo pediram para ir ver a defunta.

Em seguida, MarieLouise organizou uma primeira expedição, cinco meninas e dois garotos: os maiores, os mais atrevidos. Obrigou-os a tirar os sapatos para não serem descobertos; o bando se esgueirou pela escada e subiu lentamente como um exército de ratos.

Chegados ao quarto, a menina, imitando a mãe, dirigiu o cerimonial. Guiou solenemente os camaradas, ajoelhou-se, fez o sinal da cruz, moveu os lábios, ergueu-se, aspergiu o leito. E enquanto as crianças, em grupo cerrado, se aproximavam, assustadas, curiosas e radiantes por contemplarem o rosto e as mãos, ela pôs-se de súbito a simular soluços, ocultando os olhos no seu pequeno lenço. Depois, repentinamente consolada ao pensar naqueles que esperavam diante da porta, arrastou, a correr, toda sua gente, para trazer em seguida um outro grupo, depois um terceiro, pois todos os garotos da zona, até mesmo os pequenos mendigos

maltrapilhos, acorriam àquele novo divertimento. E ela recomeçava de cada vez as manigâncias maternas, com uma perfeição absoluta.

Afinal, fatigou-se. Outro brinquedo atraiu as crianças para longe; e a velha avó ficou sozinha, completamente esquecida por todo mundo,

A chama encheu o quarto; e sobre o rosto, seco e enrugado, a chama movediça dos círios fazia dançar os clarões.

Pelas oito horas, Caravan subiu, fechou a janela e renovou as velas. Entrava agora tranqüilamente, já acostumado a considerar o cadáver como se este se achasse ali há meses. Verificou até que ainda não havia indícios de decomposição. Disse-o à mulher, no momento em que se punham à mesa para jantar. A mulher respondeu:—Pudera! Ela é de pau; poderia conservar-se um ano inteiro.

Tomaram a sopa sem dizer palavra. As crianças, deixadas em liberdade todo o dia, exaustas de fadiga, cochilavam nas suas cadeiras, e todos permaneciam silenciosos. De súbito, minguou a claridade do lampião.

A Sra. Caravan ergueu a mecha, mas o aparelho emitiu um som surdo, um gorgolejo prolongado, e extinguiu-se. Tinham esquecido de comprar querosene. Mandar alguém ao armazém retardaria a janta. Procuraram velas. Mas só havia aquelas que estavam acesas lá em cima, sobre a mesa de cabeceira.

A Sra. Caravan, rápida nas decisões, logo mandou Marie Louise buscar duas; e ficaram esperando no escuro. Ouvia-se distintamente o passo da menina, que subia a escada. Houve em seguida um silêncio de alguns segundos. Depois a menina desceu precipitadamente. Abriu a porta, cheia de medo, mais abalada ainda do que na véspera, ao anunciar a catástrofe, e murmurou, sufocando:

— Oh! papai! vovó está se vestindo!

Caravan ergueu-se em tal sobressalto que a sua cadeira rolou de encontro à parede. Ele balbuciou:—Como? Que é que está dizendo?

Mas Marie Louise, estrangulada pela emoção, repetiu:—Vo... vo... vovó está se vestindo... ela vai descer.

Ele arremessou-se loucamente escada acima, seguido pela mulher, aturdida. Mas diante da porta do segundo andar, estacou, cheio de medo. Que iria ver? A Sra. Caravan, mais ousada, torceu o trinco e penetrou no quarto.

A peça parecia ter-se tornado mais escura; e, no meio, uma alta forma magra se movia. Ela estava de pé, a velha. Ao despertar do sono letárgico, antes mesmo que lhe voltasse por completo o entendimento, voltando-se de lado e apoiando-se sobre o cotovelo, ela assoprava três das velas que ardiam junto ao leito mortuário. Depois, recuperando as forças, erguera-se em busca da sua roupa. A ausência da cômoda a tinha transtornado de início, mas pouco a pouco encontrara suas coisas no fundo da mala de madeira e vestira-se tranqüilamente. Tendo em seguida despejado a bacia cheia d'água, recolocado o buxo atrás do espelho e repostas as cadeiras no lugar, estava pronta para descer, quando lhe apareceram à frente o filho e a nora.

Caravan precipitou-se, tomou-lhe as mãos, beijou-a, com os olhos cheios d'água, enquanto a mulher, atrás dele, repetia com um ar hipócrita:—Que felicidade, oh! que felicidade.

Mas a velha, sem se enternecer, sem ao menos denotar haver compreendido a situação, rígida como uma estátua e de olhar gelado, limitou-se a perguntar:

— Já está pronto o jantar?

Ele balbuciou, perdendo a cabeça:

— Sim, mamãe, nós estávamos à sua espera.

E com uma desacostumada solicitude tomou-lhe o braço, enquanto a Sra. Caravan, segurando a vela, lhes iluminava o caminho, descendo a escada à sua frente, de costas e de degrau por degrau, como o fizera na mesma noite, diante do marido, que carregava o mármore.

Chegando ao primeiro andar, ela quase chocou com gente que subia. Era a família de Carenton, Sra. Braux esposo.

A mulher, alta, gorda, com um ventre de hidrópica que lançava o corpo para trás, esgazeava os olhos, prestes a fugir. O marido, sapateiro socialista, homenzinho peludo até os olhos, semelhante a um macaco, murmurou sem alterar-se:—Com que então ela ressuscita, hein?

Logo que a Sra. Caravan os reconheceu, fez-lhes sinais desesperados; e depois, em voz alta:

— Como? Vocês por aqui? Que bela surpresa!

Mas a Sra. Braux, desnorteada, não compreendia; respondeu a meia voz:

— Foi por causa do telegrama de vocês. Nós pensávamos que já estivesse tudo acabado.

O marido, atrás dela, beliscava para que se calasse. Ele acrescentou, com um riso maligno oculto em sua espessa barba:

— Foi muita amabilidade da parte de vocês haver-nos convidado. Nós em seguida nos pusemos a caminho.

Fazia assim alusão à hostilidade que de há muito reinava entre os dois casais. Depois, quando a velha ia descendo os últimos degraus, ele avançou vivamente e esfregou contra o rosto dela os pêlos que lhe cobriam a face, gritando-lhe ao ouvido, por causa da sua surdez:

— E daí, mamãe, sempre sólida hein?

A Sra. Braux, no seu estupor de ver bem viva aquela a quem esperava encontrar morta, não ousava nem mesmo abraçá-la; e o seu ventre enorme obstruía a escada, impedindo que os demais avançassem.

A velha, inquieta e desconfiada, mas sempre silenciosa, olhava toda aquela gente que a cercava; e seus olhinhos cinzentos, perscrutadores e duros, fixavam-se ora num, ora noutro, cheios de pensamentos visíveis, que perturbavam seus filhos.

Caravan disse, para explicar:—Ela esteve um pouco doente, mas agora vai bem, perfeitamente bem, não é mamãe?

Então a velha, pondo-se em marcha, respondeu com sua voz quebrada, como que distante:

— Foi uma síncope: eu ouvia vocês durante todo o tempo.

Seguiu-se um silêncio embaraçado. Penetraram na sala; depois sentaram-se ante uma janta improvisada em alguns minutos.

Apenas o Sr. Braux conservara o aprumo. Seu rosto de gorila malévolo careteava; e ele largava frases de duplo sentido, que visivelmente constrangiam a todos.

Mas a cada instante tilintava a campainha do vestíbulo: e Rosalie, transtornada, vinha chamar Caravan, que se precipitava, soltando o guardanapo. O cunhado chegou a perguntar-lhe se era o seu aniversário. Ele balbuciou:

— Não. Recados, apenas.

Então, como trouxessem um pacote, ele o abriu impensadamente e apareceram os convites de enterro, tarjados de negro. Enrubescendo até os olhos, ele fechou o envelope e meteu-o debaixo do colete.

Mas a mãe não vira nada; estava a olhar obstinadamente para o seu relógio, cujo bilboquê dourado balançava sobre a chaminé. E o embaraço aumentava, no meio de um silêncio glacial.

Então a velha, voltando para a filha a sua face enrugada de bruxa, teve nos olhos um relâmpago de malícia e articulou:

— Segunda-feira você me trará sua pequena, eu quero vê-la.

A Sra. Braux, com a fisionomia iluminada, gritou: "Sim, mamãe", enquanto a Sra. Caravan, empalidecendo sentia-se desmaiar de angústia.

Entretanto, os dois homens, pouco a pouco, tinham começado a conversar; e entabularam, a propósito de nada, uma discussão política. Braux, sustentando as doutrinas revolucionárias e comunistas, gesticulava, com os olhos acesos no rosto felpudo, gritando:

— A propriedade é um roubo ao trabalhador. A terra pertence a todos. A herança é uma infâmia e uma vergonha...

Mas parou bruscamente, confuso como alguém que acaba de dizer uma tolice. Depois, num tom mais sereno, acrescentou:

— Mas não é ocasião para discutir tais coisas.

A porta abriu-se: o Dr. Chenet apareceu.

Teve um segundo de pânico, depois recuperou a linha e, aproximando-se da velha:

— Ah! ah! vovozinha, vai tudo bem hoje! Eu bem o sabia; dizia com os meus botões ainda há pouco, ao subir a escada: "Aposto que ela está de pé, a vovozinha".

E batia-lhe brandamente nas costas:

— Ela é sólida como a Pont-Neuf. Ainda nos há de enterrar a todos, vocês verão.

Sentou-se, aceitando o café que lhe ofereciam, e meteu-se logo na conversação dos dois homens, apoiando Braux, pois ele próprio já estivera comprometido na Comuna.

Ora, a velha, sentindo-se fatigada, quis recolher-se. Caravan precipitou-se. Ela então o fitou nos olhos e lhe disse: "Você vai é subir imediatamente minha cômoda e meu relógio". E, enquanto ele balbuciava: "Sim, mamãe"—a velha tomou o braço da filha e retirou-se com ela.

O casal Caravan permaneceu alarmado, silencioso, fulminado com aquele horrível desastre, ao passo que Braux só deixava de saborear o café para esfregar as mãos.

De súbito a Sra. Caravan, cega de cólera, avançou para ele, vociferando:

— Você é um ladrão, um cretino, um canalha... Eu cuspo-lhe na cara, eu... eu...

Ela, sufocada, não achava o que dizer; mas ele ria, continuando a bebericar o seu café.

Exatamente nesse instante voltava sua mulher, que logo se arremessou para a cunhada. Uma, enorme, com o seu ventre ameaçador, a outra, epilética e magra, ambas com a voz demudada e as mãos trêmulas, puseram-se a trocar, aos berros, uma infinidade de injúrias.

Cheneí e Braux intervieram, e este último, empurrando a sua mulher pelos ombros, a fez sair, gritando-lhe:

— Anda, mula, você zorra demais!

E ouviram-nos afastar pela rua, a descomporem-se. Chenet despediu-se. Os Caravan ficaram face a face. Então o homem abateu-se numa cadeira, com um suor frio nas têmporas, e murmurou:

— Meu Deus! O que é que eu vou dizer amanhã ao meu chefe?